

MIA COUTO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

SETEMBRO 2002

(na ocasião da publicação de

"Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra")

Nasceu em Moçambique (1955). Escritor e biólogo. Também fez jornalismo. Mia Couto, um dos escritores africanos que à língua portuguesa dão a beleza, grandeza e simplicidade de uma mestiçagem poética, límpida, humanizante, para além da mais-valia da criação lexical. Estreou-se com *Raiz de Orvalho*, em 1983. Depois, a ficção de um contista por excelência. A sua escrita é, em si mesma, o continente africano, porém viaja mundo fora, resgatadora. Vencedor de prestigiados prémios, Mia Couto visita sempre a infância. Não pensa na escrita como se fosse a sua respiração mas Mia Couto confessa não conseguir estar sem escrever. Fala de Moçambique e da língua portuguesa.

A literatura será o melhor terreno para se criar a memória?

Para se inventar uma memória, sim. A literatura tem essa missão de resgatar a vontade de nos inventarmos, de inventarmos uma nova história para nós próprios, não tanto memória no sentido de registo histórico.

Novo romance seu: *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*. Uma obra eivada de espiritualidade. O caminho é por aí?

Sempre tentei, mas reconheço que a história desse livro fluiu mais facilmente. Não sofri tanto para o escrever, se calhar por procurar materiais que são os da minha infância.

Deu às personagens do seu novo livro nomes espantosos: tia *Admirança*, tio *Ultímio*, tio *Abstinêncio*, avô *Dito Mariano*. São cargas metafóricas?

Parto de mim mesmo. Tenho um nome inventado por mim. Criei o Mia, adotei-o. Sou mesmo Mia e não quero ser outro. Em miúdo vivia com gatos e achava que era eu próprio um gato. Disse aos meus pais que gostava de ser chamado de Mia e eles aceitaram. Em muitas regiões de Moçambique as pessoas têm vários nomes ao longo da sua vida. Nos meus livros quero falar de gente que existe e não existe; quero mostrar que as personagens vivem nessa fronteira entre a realidade e a irrealidade.

Quando inventa, cria e recria palavras pretende uma fusão de almas culturais, além do efeito poético?

Preciso de estar em estado de infância para escrever; preciso de sentir a capacidade de encantamento, de deslumbramento, como se estivesse a olhar as coisas pela primeira vez. Preciso de uma certa inocência. É isso.

Considera-se um escritor inocente?

Só quando estou naquele estado de embriaguez a escrever; de resto, sou uma pessoa avisada. Mas tenho um passaporte para visitar a minha infância, o que requer uma língua que possa ser moldada, que possa estar apta para esses pequenos namoros.

É por meio das palavras em estado de infância que melhor consegue tocar a sensibilidade dos adultos?

Não sei explicar; são viagens que fazemos por dentro de nós como se adormecêssemos os nossos fantasmas; é preciso colocá-los a dormir, também.

Como está a ser tratada a língua portuguesa no seu país, Moçambique? Vai além do oficial?

Vai-se convertendo, cada vez mais, numa língua de cultura nas zonas urbanas, mas é uma língua de minoria; menos de seis por cento da população é que tem o português como língua materna. Mas recorro a um outro exemplo: 99 por cento dos escritores moçambicanos escrevem em português, provavelmente porque sentem em português e para muitos deles essa é a sua língua materna. Em Angola, a situação é diversa.

Continuam a desenvolver-se novas gerações de escritores moçambicanos?

Em termos de geração, penso que não vai bem; não estão a surgir novos escritores, como aconteceu no primeiro período da independência, com novas correntes e movimentos que trouxeram, literariamente, muita juvenilidade, entre os quais Ungulani Ba Ka Khossa, Eduardo White, Armando Artur, Nelson Saúte. Ao longo de 16 anos de guerra civil, a escola morreu. No princípio da independência houve um despertar para os instrumentos da escola,

qualquer coisa significando que podia ser por ali o caminho do País; a escola, no entanto, foi morta pela guerra.

Está longe de ser reconstruída?

Reconstruir uma escola leva muitas gerações. Fica-se prisioneiro de outras ignorâncias; é preciso formar professores que são os formadores de outros e isso faz-se à custa de muito tempo.

É mais forte a poesia ou a ficção em Moçambique?

Angola, no geral, tomara posse da prosa e Moçambique mais da poesia. Moçambique fez, porém, uma caminhada em relação à prosa. Talvez houvesse uma necessidade de falar do país.

A prosa permite, de algum modo, uma maior metáfora social e política que existe, aliás, nos seus livros?

Sou um poeta que se exprime na prosa. Julgo que se escrevesse agora em verso seria um mau poeta. Talvez a prosa seja um género que se adequa mais ao momento histórico em que é preciso resgatar verdades e ir ao encontro do país «real». A poesia serviu um momento histórico em que era preciso cantar utopias, falar com sonho.

Os poetas tiveram sempre um poder de intervenção revolucionária...

O sonho casa-se com os poetas. Os cartões de boas-festas da Frelimo para os guerrilheiros tinham um poema na mensagem de Ano Novo, que era, afinal, o anúncio de um mundo novo.

E como se dá poesia a pessoas que morrem de fome e de doença?

A poesia é uma forma de sabedoria e de relacionamento com o mundo; dá também uma visão a quem não tem pão. O africano possui essa coisa espantosa de ser capaz de dar a volta à tristeza e dançar com o mundo; isso, em si mesmo, já é poesia.

Não voltaria à poesia do seu livro *Raiz de Orvalho*?

Já não me revejo nesses versos; contudo, estou na poesia. Às vezes, ocorre-me e escrevo; até já terei material para publicar qualquer coisa mais na área da poesia, mas não me apetece muito.

Satisfá-lo a implantação que tem junto do público em Portugal?

Não penso em termos de público; satisfaz-me encontrar e conversar com pessoas que me devolvem algum sentimento de criação e de reencontro com lugares e personagens que inventei.

Mantém com a escrita uma relação de namoro?

Sim, mas não cultivo aquela ideia de que a escrita é a minha respiração, de que sem ela não podia viver. Acho que viveria bem sem escrever ou pelo menos sem publicar; precisaria no entanto de ter uma relação criativa com a vida, que poderia ser o teatro ou um grupo musical. Toco viola.

Já experimentou estar um tempo sem escrever?

Não consigo, confesso.

É também biólogo. A sua criatividade literária tem a ver, de certo modo, com a biologia?

Sinto-me igualmente biólogo na escrita; a biologia também me entrega uma história e eu preciso da história da vida, desta epopeia que é estarmos aqui e termos de ser capazes de sobreviver enquanto

espécie. Mas não sou dogmático. Olho para a ciência como uma das respostas, não a resposta.

Encontra, em Moçambique, terreno para trabalhar como biólogo?

Estou nas zonas florais. De momento, trabalho na criação de um parque transfronteira (Parque Internacional de Limpopo), entre a África do Sul, Zimbabue e Moçambique. Um grande desafio.

Pasteur, não sendo biólogo, acabou por revolucionar a biologia e a ele se deve a vacina contra a raiva. Gostaria de inventar alguma vacina para muitas outras raivas?

É preciso reencontrar um tipo de relacionamento com as respostas que já estão em nós; o mecanismo da vacina é esse. A capacidade de ficar em estado poético, de escutar vozes, de chegar a um sentimento de religiosidade que nem sempre passa por uma religião; isso vive em nós, só que foi desvalorizado.

Esse sentimento de religiosidade ganha mais força na magia que África tem apesar do sofrimento?

Sem dúvida. A minha grande escola é esse lugar. Vivo num mundo em que me asseguram que uma árvore que está ali foi uma pessoa no dia anterior e no dia seguinte poderá ser um bicho. Essa possibilidade de transmutar é muito bonita, não me interessa que não seja verdade; interessa-me a beleza e o facto de nos ser conferido o sentido de efémero, de nos ser dada uma dimensão mais humilde.

A casa é, porventura, a personagem mais forte do seu novo romance. Estamos necessitados de reencontrar a casa enquanto vida?

Como se fosse um reinício. Vamos pensar que é possível ainda haver uma nova luz, uma nova luminosidade que nos aponte caminhos. Estamos carregados da ideia de fim; há a ameaça de um fim de certos mundos, que foram os nossos mundos. É preciso encontrar respostas e essas respostas estão cá dentro, nessa relação que a dado momento da vida tivemos com a nossa raiz, com o nosso lugar e com os outros. Ajudou-me muito a citação que faço de Sophia: *No princípio, a casa foi sagrada, isto é, habitada não só por mortos e vivos como também por mortos e deuses*. Eu tive isso na minha infância.

Para si, a casa sagrada acaba por ser o país onde nasceu?

É a terra quando temos essa relação de totalidade; tenho-a de maneira dispersa mas são momentos da minha vida, como se a terra tivesse tomado posse de mim. Quando era menino, saía com o meu pai e, de carro, percorríamos aquela savana infinita; e recordo-me de ouvir a minha mãe cantar dentro de casa. Eu estava na casa onde moravam os deuses.

Como olha hoje para Moçambique? É a casa que precisa de ser «regada»?

Uma casa que precisa de ser totalmente reinventada. É necessário que haja coragem para enfrentar com verdade aquilo que são os nossos pequenos demónios. Criaram-se imagens de Moçambique que infelizmente estão longe da verdade. Apresentou-se como um país de exceção, como sendo a outra África, um bom aluno de modelos de democracia e economia.

E não corresponde à realidade?

Não, porque ninguém pode ser bom numa escola destas. É preciso tirar o chapéu ao que os moçambicanos e a governação moçambicana conseguiram fazer no domínio da estabilidade, de criar paz e

consolidar essa paz. Foi uma obra, um milagre, quase. Fico feliz por isso e digo-o até com um certo grau de vaidade e de orgulho. É verdade que Moçambique encetou tentativas de criar uma governação responsável, mas isso já não depende só de pequenas vontades.

As grandes respostas têm de ser dinamizadas pela sociedade civil?

Sociedades civis em países como Moçambique têm de partir de grupos urbanos com uma consciência de cidadania; é uma minoria.

Que linhas de ação, a seu ver, se afiguram prioritárias, de modo a que essa sociedade civil possa amplamente ganhar uma consciencialização e responsabilidade para atuar?

É necessário que a nação se apresente de uma outra maneira. A imagem que a nação deu de si mesma excluiu, à partida, uma série de gente que poderia já ser a sociedade civil moçambicana.

Quem são os excluídos?

Os camponeses, os que não sabem escrever nem ler. A gente que vive no universo da ruralidade não pode rever-se numa nação que se construiu em função de um certo tipo de critérios, sem negar-se a necessidade de sermos um país moderno.

Pontes possíveis entre a ruralidade e o urbano?

A escrita é uma das pontes. Importa não confundir analfabetismo com oralidade; as pessoas que aprendam a escrever e a ler deverão manter-se numa lógica mestiça, de convívio entre o seu universo da lógica oral e o universo da lógica da escrita; terá de aceitar-se que a passagem para um outro universo não implica matarem-se as raízes que essas pessoas trazem consigo e são importantes. Há outras

sabedorias que devem ser postas na mesa, que têm de sentar-se na nova casa.

Quando escreveu *A Varanda de Frangipani* (1996), deu-nos uma noção muito forte do que são os subterrâneos da guerra, nomeadamente o negócio das armas, tal como n'*O Último Voo do Flamingo* fala das minas e da desminagem como um grande negócio. Como está essa situação em Moçambique?

A guerra sempre teve os seus negócios. A única hipótese é trabalharmos como guerrilheiros dentro desta lógica: tentar subverter, aqui e acolá, um universo em que tudo se torna negócio e lucro.

Como alterar uma engrenagem de teias tão densas?

É preciso ser quase maquiavélico, porque a paz pode ser um negócio, também. O lado poético tem de conviver, neste caso, com um lado muito prático.

O Prémio Camões tem-se esquecido das literaturas africanas, apesar de haver consagrado Craveirinha e Pepetela?

Tem-se esquecido de muita gente. Há nomes em Portugal e no Brasil que me fazem perguntar: porque não eles até agora?

Por exemplo?

António Lobo Antunes.

O quotidiano é fundamental para o imaginário com que trabalha a sua escrita?

É a minha grande fonte. Esta «doença» começou em menino. Recordo um episódio: mandaram-me comprar pão, já não havia e fiquei sentado num degrau da padaria umas duas horas, à espera da

nova fornada. Os meus pais preocuparam-se, sem saberem o que se passava. Diziam: *este miúdo é um bocado atrasado, não sofre com o tempo*. Mas eu estava ali a ver o desfile da vida, a olhar as pessoas e as pessoas traziam sempre uma história. Também devo muito isso aos meus pais; o meu pai é um poeta e a minha mãe uma grande contadora de histórias.

Sente-se essencialmente um contador de histórias?

Mesmo que deixe de escrever, estarei sempre inventando histórias. Eu creio que a minha grande riqueza provém dessa capacidade de receber e trocar e depois ir descobrindo, descobrindo, descobrindo.

Difícil editar em Moçambique?

Difícil porque o livro não gera receitas. Tem de ser subsidiado, o que implica uma edição restrita.

Como são as traduções dos seus livros, sobretudo no que respeita às palavras que faz nascer, palavras que arruma e desarruma numa inventiva muito própria?

Estou condenado a ser um autor de língua portuguesa, mas também não posso dizer que sou vítima dos processos de tradução. Penso que a língua portuguesa adquiriu vitalidade e uma dinâmica pelo facto de existir um Brasil e por haver ex-colónias africanas que fizeram do português uma língua sua; tudo isso emprestou à língua portuguesa uma coloração e uma capacidade de aceitar que nem todas as línguas europeias têm.

Como vê a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa?

Não sei exatamente o que faz. Sempre que me chamarem para alguma coisa, estarei presente. Mas tenho para mim que nós, sociedade civil, os que não são do poder, é que devemos fazer a

nossa CPLP, não distanciada da outra, mas uma nossa sem grandes bandeiras; infelizmente partilhamos todos esta atitude de festejar muito e fazer pouco; nesse campo, do ponto de vista biológico somos pouco fecundos.

Moçambique foi particularmente tocado pelo *apartheid* que dominou a África do Sul. Não há resquícios?

Enquanto regime, o *apartheid* morreu, mas pode até haver racismo dentro da mesma raça. Há, todavia, uma outra realidade que não pode ser vista como racismo: as pessoas com afinidades do ponto de vista cultural, linguístico e outras tendem a viver juntas, sobretudo agora que há uma espécie de vázio de identidade com esta coisa que nos procuram impingir de que somos todos americanos; as pessoas estão a ser americanizadas. Os jovens do meu país querem ser iguais aos que aparecem nas televisões. Não seria grave em si mesmo se houvesse outros fascínios. Ainda por cima, alguns focos de exportação dessa imagem são medíocres.

A experiência que viveu como jornalista ajudou-o alguma coisa na escrita dos seus livros?

Muito. O jornalista tem de saber comunicar, chegar aos outros, ter o sentido do outro, o que implica uma aprendizagem permanente que faz muito bem ao escritor.

O jornalismo dos nossos dias consegue chegar aos outros?

Tive um grande mestre, Rui Knopfli, também poeta. Entregávamos-lhe um original e dizia ótimo e rasgava aquilo à nossa frente. Eu perguntava o que estava mal e ele respondia: *vai descobrir sozinho*.

Temos atualmente muitos cursos de comunicação...

Ajudam num certo sentido, mas a sabedoria de comunicar e transmitir com vivacidade tem de estar dentro de nós.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*